



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **INTERURBANO: REFLEXÕES SOBRE PÁSSAROS AO TELEFONE**

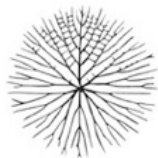
Me. Raymundo Firmino de Oliveira Neto  
PPGARTES/UFPA

### **Introdução**

O artigo analisa as questões estéticas e políticas relacionadas ao processo de criação da instalação interativa “Telefone” (2018), entregue ao público na exposição de Arte e Tecnologia “Interurbano”, nele é adotado como referencial teórico para reflexões sobre obra a filosofia da caixa-preta de Vilém Flusser (1985), o conceito de mensagem estética de Humberto Eco (2013) e o de espaço aumentado de Lev Manovich (2005). Se o telefone enquanto meio de comunicação possibilitou no passado a aproximação de pessoas no campo simbólico, hoje pode ser considerado um filtro da realidade. Na sua versão móvel com aplicativos, recursos multimídia e acesso a internet torna-se uma quimera digital na qual texto, imagem, som e gestos são mesclados em uma experiência que permite tanto o escape do meio que circunda o sujeito ou a expansão de suas possibilidades com informações em um espaço aumentado (MANOVICH,2005). A instalação artística interativa “Telefone” (2018) procura ser uma interface (WEIBEL) para reflexão sobre questões relacionadas a realidade, a comunicação e natureza na cidade de Belém, ela trás a apropriação de um aparelho de telefone analógico Ericsson verde da década de 80 alterado eletronicamente para simular ligações com pássaros, uma lista de números de pássaros pode ser discada para se ouvir o canto específico de cada um. As espécies listadas já não podem ser encontradas no espaço que hoje é ocupado pela população e a região metropolitana de Belém. Onde antes cantavam e voavam determinadas espécies de pássaros, hoje elas só podem ser ouvidas ao telefone. O aparelho antigo simula uma ligação com a natureza, uma distopia anacrônica sobre quando os aparelhos telefônicos tinham fios e as pessoas eram mais livres. O pássaro é um símbolo tanto da liberdade, quanto da própria natureza, o telefone uma tecnologia humana simbolicamente capaz de aproximar o que está distante, ícone das transformações provocadas pela tecnologia na comunicação dos homens. O simulacro (BAUDRILLARD, 1991) da ligação com a natureza pelo telefone é estabelecido em um jogo lúdico entre a interface da instalação e o imaginário do interator (GIANNETTI, 2006). Seria esse simulacro dentro do campo da Arte uma forma de refletir a realidade ou mais um meio de escapar dela? Poderia o homem através da tecnologia estabelecer uma via de aproximação com a natureza?

### **Metodologia**

Este artigo é o resultado parcial de um projeto poético de pesquisa, criação e experimentação artística ainda em andamento pelo autor. Foram 6 meses de processo entre a ideia inicial da instalação, o desenvolvimento do hardware e



componentes eletrônicos para intervenção no aparelho, a programação do software para reproduzir os áudios usando micro-controlador Arduino, a coleta dos áudios dos pássaros com o Ornitólogo pesquisador, a intervenção no aparelho telefônico Ericsson e a montagem na galeria para exposição. A instalação “Telefone” (2018) foi entregue ao público para sua fruição e interação durante a exposição “Interurbano” (2018), foram registrados em desenho, fotos, vídeo e anotações, além do processo de criação, o desenvolvimento do aparato tecnológico da instalação para se ouvir os cantos dos pássaros ao telefone, a interação do público e suas reações. Apresenta-se no artigo as considerações contextuais da obra aliadas aos conceitos, teorias e influências que nortearam o o processo de criação do autor-artista-pesquisador. Adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa a fim de reduzir a distância entre a teoria e a prática, utilizando experiências pessoais em uma observação participante (BOGDAN;BIKLEN, 1994). Foi realizado um estudo de caso e uma pesquisa bibliográfica para revisão das ideias norteadoras do fazer artístico com base nos autores citados tecendo uma rede da criação entre os aspectos estéticos, políticos e artísticos da instalação. Com base nos estudos de Cecília Salles (2006) sobre redes de criação, compreende-se a criação enquanto um processo dinâmico sujeita ao acaso e a erros que constroem a obra diante de quebras, rupturas ou descaminhos dentro do universo do inacabamento, busca-se então compreender as motivações da obra, como foi construída e suas perspectivas mais do que apenas sequenciar as ações que levaram ao seu resultado.

## Resultados e Discussão

Figura 1 – Ficha técnica e fotografia de registro da instalação “Telefone” 2018.

### FICHA-TÉCNICA

Título: Telefone

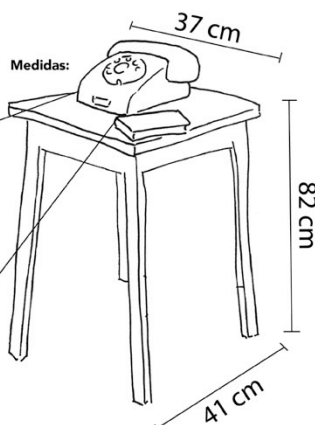
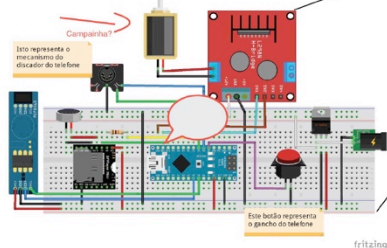
#### Instalação

Telefone Ericsson original alterado  
c/ arduino nano e módulo de áudio  
DF Player para simular ligações c/  
pássaros. Agenda telefônica.

#### Instruções para interação:

Caso toque atenda normalmente.  
Pode ser manuseado como um telefone normal.  
Leia o número de um pássaro na agenda e disque  
no telefone.

#### Descrição do circuito interno do dispositivo:



Fonte: Acervo pessoal.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Passados mais de 29 anos após a queda do muro de Berlim, a dissolução da União Soviética e o fim da guerra fria, a humanidade adquire o conhecimento da sua capacidade de interferir drasticamente na natureza a ponto de estarmos a um aperto de botão do “fim”. Fomos responsáveis pela extinção de inúmeras espécies no planeta, mas é a primeira vez que nos encontramos diante da possibilidade iminente de nossa própria extinção. Problemas relacionados ao crescimento populacional, escassez de recursos naturais e aquecimento global tornam-se pauta na agenda de governos na tentativa de reduzir os danos projetados para o futuro caso não tomemos atitudes em relação ao nosso comportamento com a tecnologia e o planeta. Pensar que a ciência moderna pode ser nossa salvação ou destruição é compreender que não basta o desenvolvimento de novas tecnologias sem que haja concomitantemente um processo de assimilação cultural de suas virtudes e perigos por toda população capaz de eleger os seus próprios governantes. É preciso estabelecer uma ligação com a natureza. O século 21 encontra desafios ainda maiores que o passado, enquanto o “telefone vermelho” (codinome para linha de comunicação entre EUA e URSS durante a guerra fria) procurava solucionar problemas de comunicação entre duas superpotências para que não houvesse uma guerra nuclear, hoje as ameaças à democracia, a liberdade, a vida e ao planeta podem surgir de qualquer parte através da desinformação, da manipulação de fatos, do controle e da vigilância ubíqua de dispositivos móveis. É surreal pensar que na era da informação e do desenvolvimento de tecnologias até então inimagináveis para humanidade veríamos tantas ameaças a liberdade e a vida no planeta. Como reagir então a essas questões no âmbito da Arte, da tecnologia e da cultura? O campo da criação artística tem o privilégio de poder ser o ponto de mutação entre os conhecimentos empíricos e científicos, das ciências sociais e das ciências exatas, do imaginário e da experiência, do real e do ficcional, de métodos distintos a fim de construir significações para compreensão ou mesmo reflexão do mundo que nos circunda. Percebe-se que a imaginação, a ficção e a cultura encontram-se intimamente ligados a ciência e a invenção de novos aparatos técnicos. É um equívoco relacionar a descoberta de novas tecnologias apenas a necessidades práticas e objetivas do homem, antes de serem atualizadas no mundo físico, estão presentes no imaginário (DURAND, 1989) e na cultura das civilizações impulsionadas pelo inconsciente coletivo (JUNG, 2008). Então, porque separar Arte, cultura, tecnologia, imaginário e ciência em categorias ou disciplinas distintas? É através da intervenção na lógica do aparelho comunicacional, ou seja, no projeto industrial do telefone que essas relações são evidenciadas pelo fazer artístico que se apropria do aparelho a fim mudar sua função prática. Para Flusser (1985) os aparelhos podem ser comparados à caixas-pretas e os usuários podem ser divididos entre os que são capazes de intervir no seu seu interior para usá-las a seu próprio proveito e os que são funcionários sem compreender seu modo de funcionamento ou mesmo as intenções por trás das mesmas. Artistas sempre lançaram um olhar inusitado sobre os aparelhos e artefatos, tanto low-tech quanto high-tech, a fim de encontrar modos de fazer Arte e compor mensagens estéticas com os instrumentos que fazem parte da vida e do imaginário da humanidade. Segundo Eco (2013) a mensagem ambígua oferece numerosas escolhas interpretativas “cada significante carrega-se de significados novos, mais ou menos precisos, não mais à luz do código de base (que é violado), mas do idioleto, que organiza o contexto...”. A mensagem estética (ECO, 2013) da obra de arte é formada a partir da ambiguidade que garante



os limites da sua liberdade de interpretação, assim é possível fazer uso do acaso e o do ruído para compor uma obra aberta (2015) a ser interpretada, fruída, pelo público como uma experiência individualizada e pessoal. Portanto, o fechamento da obra é deixado a cargo da interpretação do interator, uma experiência singular, na qual a partir do seu próprio repertório, memória e apreensão, sensível aos estímulos da obra, construirá um significado próprio da experiência vivenciada.

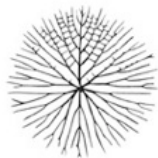
Figura 2 – Equipe técnica fazendo ajustes finais e público interagindo com a obra.



Fonte: Acervo pessoal.

## **Conclusões**

A cidade de Belém do Pará é um lugar singular para pensar sobre os contrastes da relação entre o homem, a tecnologia e a natureza. Na zona urbana de Belém, o sujeito encontra-se entre prédios de concreto armado e samaúmas, entre as mangueiras e os postes de energia, entre o asfalto urbano e as águas do rio, ou mesmo, entre o desencantamento do mundo e as encantarias da bacia semântica da cultura ribeirinha. Evidentemente que esses polos não são duros, se misturam e entram em conflito, mas a força do avanço desproporcional de meios tecnológicos e dispositivos, sem a devida preocupação sobre sua influência na paisagem e no cotidiano, sufoca a subjetividade do belenense em relação ao seu próprio meio, as coisas e o mundo. Sob os efeitos do controle exercido pelos dispositivos atuais, muitas pessoas já perderam parte da capacidade de enxergar a função estética no mundo a sua volta. Assim, criou-se um padrão de visão funcional e econômico sobre



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

o meio, os objetos e o espaço em detrimento de sua percepção subjetiva, lúdica e livre no cotidiano. Por estar mais a vontade com o ambíguo, o desconhecido, o incerto, o acaso e o ruído, a Arte torna-se um campo frutífero para explorar todas as fissuras contidas na relação entre o homem, a tecnologia e a natureza. Articulando esses fatores da produção artística a instalação “Telefone” (2018) conseguiu construir um espaço aumentado (MANOVICH, 2013) com sobreposição de informações dinâmicas, eletronicamente alternadas, sobre o espaço físico que instigou a reflexão de vários indivíduos sobre as razões de pássaros estarem ao telefone, mais especificamente na cidade caracterizada por ser uma metrópole na região Amazônica. Sem saber que os pássaros não se encontravam mais na cidade ou como o aparelho funcionava, os interatores os escutavam e discavam outros números ávidos por conhecer o canto de outros pássaros. A simulação da ligação com aqueles pássaros em um instante levava os interatores a experimentar outros espaços da Amazônia e reconecta-los a experiência da cidade, as suas memórias e o imaginário sobre os cantos dos pássaros, assim como das mudanças tecnológicas advindas das transformações no telefone.

## **Referências**

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D’água, 1991.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad.: Hélder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa-preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: HUCITEC, 1985.

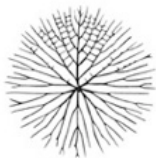
GIANNETTI, C. **Estética Digital**: sintopia da arte, a ciência e a tecnologia. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MANOVICH, Lev. The Poetics of Augmented Space: Learning from Prada. 2005, Disponível em: <[http://www.noemalab.org/sections/ideas/ideas\\_articles/manovich\\_augmented\\_space.html](http://www.noemalab.org/sections/ideas/ideas_articles/manovich_augmented_space.html)> Acesso em: 15 abr. 2013.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação**: Construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2008.

WEIBEL, P. “The World as Interface”. In: Druckrey, Timothy (Org.). Technology and Visual Representation. Nova York: Aperture Foundation, 1996.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**